

---

## ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DO CÂNCER CERVICAL NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE

### CERVICAL CANCER PREVENTION STRATEGY IN THE PUBLIC HEALTH SYSTEM

Jéssica de Jesus Oliveira<sup>1</sup>; Tasciano dos Santos Santa Izabel<sup>2</sup>

1 - Estudante do quinto período do curso de Enfermagem do Centro Universitário Nobre

2 - Doutor em Ciências- Botânica (UEFS), Professor do curso de Enfermagem do Centro Universitário Nobre

#### RESUMO:

**Introdução:** Este estudo revisa estratégias de prevenção do câncer cervical na Rede Pública de Saúde do Brasil, destacando avanços, desafios e a importância da educação em saúde, especialmente no Nordeste. Avalia o Papanicolau, a vacinação contra HPV e o teste molecular DNA-HPV, e discute a necessidade de fortalecer políticas públicas para garantir acesso equitativo. **Objetivo:** Analisar, por meio de uma revisão integrativa de literatura, as estratégias de prevenção primária e secundária do câncer cervical, com foco no exame Papanicolau, no novo teste molecular DNA-HPV e na eficácia da vacinação contra HPV. **Metodologia:** Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, com revisão integrativa da literatura. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases BVS, PUBMED, SCIELO, Google Acadêmico e ScienceDirect. A busca inicial resultou na identificação de 42 artigos, dos quais 20 foram selecionados para a amostra final, após a aplicação dos critérios de inclusão. **Resultados:** A educação em saúde desempenha um papel central nesse processo, pois a falta de informação sobre o câncer cervical, a importância dos exames preventivos e as opções de tratamento ainda são obstáculos para a adesão de muitas mulheres. **Conclusão:** Apesar dos avanços na prevenção do câncer cervical, é necessário fortalecer políticas públicas e para garantir acesso equitativo, especialmente em regiões vulneráveis. A integração do teste molecular de DNA-HPV com a vacinação contra o HPV, incluindo a nova dose única, representa avanços significativos na luta contra o câncer cervical.

**Palavras-chave:** Câncer Cervical, DNA-HPV, Vacinação HPV, Saúde da Mulher

#### ABSTRACT:

**Introduction:** This study reviews cervical cancer prevention strategies in Brazil's Public Health System, highlighting advancements, challenges, and the importance of health education, particularly in the Northeast. It evaluates the Pap smear, HPV vaccination, and DNA-HPV molecular testing, and discusses the need to strengthen public policies to ensure equitable access. **Objective:** To analyze, through an integrative literature review, primary and secondary prevention strategies for cervical cancer, focusing on the Pap smear, the new DNA-HPV molecular test, and the efficacy of HPV vaccination. **Methodology:** This is a descriptive, qualitative study with an integrative literature review. The bibliographic research was conducted using the BVS, PUBMED, SCIELO, Google Scholar, and ScienceDirect databases. The initial search identified 42 articles, of which 20 were selected for the final sample after applying the inclusion criteria. **Results:** Health education plays a central role in this process, as the lack of information about cervical cancer, the importance of preventive exams, and treatment options remain obstacles to adherence for many women. **Conclusion:** Despite advances in cervical cancer prevention, there is a need to

---

---

strengthen public policies and ensure equitable access, particularly in vulnerable regions. The integration of molecular HPV-DNA testing with HPV vaccination, including the new single-dose option, represents significant progress in the fight against cervical cancer.

**Keywords:** Cervical Cancer, DNA-HPV, HPV Vaccination, Women's Health

## 1. INTRODUÇÃO

No final do século XIX, as preocupações da medicina com o Câncer Cervical (CV) ou do Câncer do Colo do Útero (CCU) aumentaram, mas ainda faltavam métodos eficazes para preveni-lo ou tratá-lo, resultando em cirurgias radicais e tratamentos paliativos. As mulheres, por questões sociais ou de pudor, só procuravam ajuda médica quando os sintomas se tornavam insuportáveis, estágio em que a doença já estava avançada e difícil de controlar. Até a década de 1940, a ausência de métodos preventivos limitava o diagnóstico precoce às poucas mulheres que tinham acesso a exames ginecológicos regulares (Teixeira, 2015).

Com o advento do teste de Papanicolaou e da colposcopia, a detecção precoce e a prevenção do Câncer Cervical se tornaram possíveis. No Brasil, a disseminação dessas técnicas foi lenta e desigual, ganhando maior escala apenas a partir dos anos 1970, com a implementação de campanhas de rastreamento e, posteriormente, um programa nacional de controle da doença (Teixeira, 2015).

O Câncer Cervical, decorrente principalmente da infecção persistente pelo Papilomavírus Humano (HPV), é uma doença que pode ser prevenida e tratada eficazmente. Medidas como a vacinação contra o HPV e exames de rastreamento, como o teste de Papanicolaou, desempenham papéis cruciais na identificação precoce de lesões pré-cancerígenas, permitindo intervenções antes que o câncer se desenvolva (Pereira et al., 2021).

Além da infecção pelo HPV, outros fatores como infecções adicionais, tabagismo, número de partos e uso prolongado de contraceptivos orais também influenciam no desenvolvimento do Câncer Cervical. A magnitude global do câncer, incluindo o de colo de útero, reflete-se nas estatísticas alarmantes de incidência e mortalidade, estimativas da GLOBOCAN indicam um crescimento significativo nos casos anuais de câncer até 2050, sublinhando a urgência de medidas de controle mais eficazes e acessíveis em escala global (Bray et al., 2024).

No Brasil, o Câncer Cervical figura entre as principais causas de mortalidade por câncer em mulheres, evidenciando a necessidade de programas de saúde pública robustos para prevenção e tratamento. Estudos indicam que a falta de conhecimento sobre métodos preventivos pode ser um obstáculo significativo para a saúde feminina, reforçando a

importância de campanhas educativas e acesso facilitado aos serviços de saúde (Gomes et al., 2017; Inca, 2022).

Investir na prevenção do Câncer Cervical, por meio de políticas públicas como vacinação, rastreamento e campanhas de conscientização, é essencial para reduzir o impacto devastador desta doença na população feminina brasileira. Tais iniciativas não apenas promovem a saúde individual, mas também contribuem para a equidade no acesso aos cuidados de saúde no país (Leite et al., 2019).

Este estudo se justifica pela necessidade de desmistificar o câncer, ainda visto como um tabu na sociedade, onde o próprio nome desperta medo. Superar essa barreira só será possível por meio do conhecimento e da educação em saúde. Com o aumento da expectativa de vida e as projeções indicando que até 2050 o câncer será a principal causa de morte, impulsionado por determinantes sociais como a industrialização e mudanças nos hábitos populacionais, torna-se essencial abordar a prevenção do câncer cervical.

Esse tipo de câncer, que pode ser evitado com medidas preventivas, tem seu índice de incidência potencialmente reduzido pela acessibilidade a novas tecnologias recentemente introduzidas na saúde pública. Portanto o presente estudo tem como objetivo analisar, através de uma revisão integrativa de literatura, as estratégias de prevenção primária e secundária do Câncer Cervical, com foco na realização do exame Papanicolaou na Rede Pública de Saúde. Além disso, explorará a implementação do novo teste molecular DNA-HPV, recentemente introduzido no SUS, e a eficácia da vacinação contra o HPV.

## **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo que apresenta caráter descritivo quanto ao objetivo, trazendo uma abordagem qualitativa, onde se adotou a revisão integrativa da literatura, que permite reunir estudos com diversas metodologias sobre o tema.

Para a obtenção das publicações a serem incluídas na revisão, foi realizado um levantamento bibliográfico, de fevereiro a agosto de 2024, nos bancos de dados disponíveis online, como BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), PUBMED (PubMed Central), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico e ScienceDirect (Elsevier).

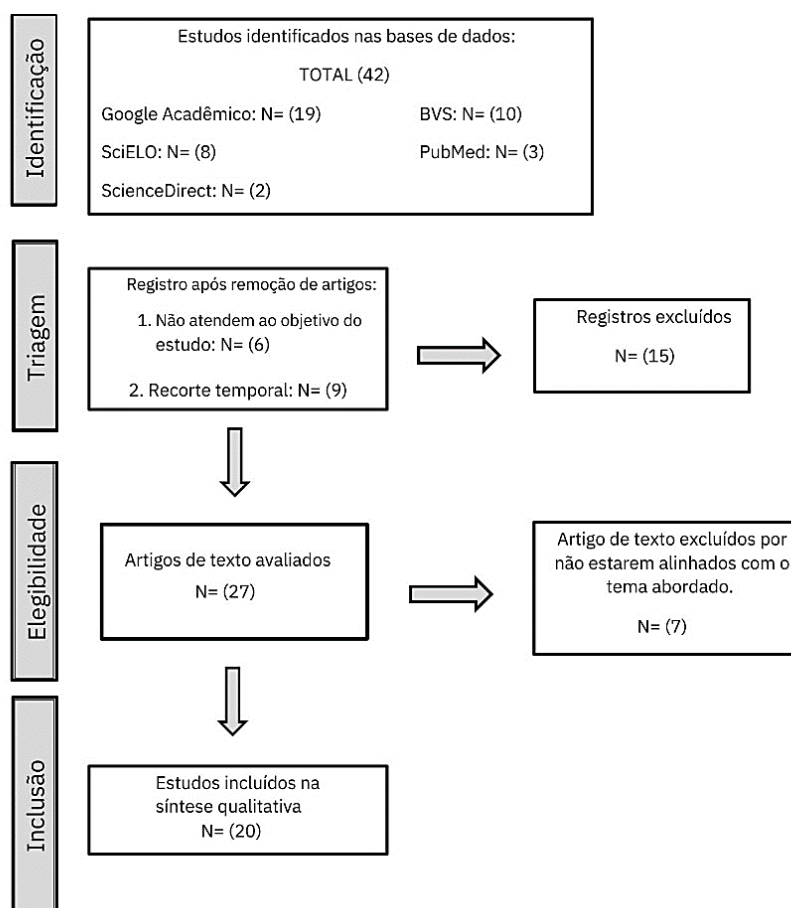
Para a localização dos estudos relevantes, utilizaram-se os seguintes descritores: “Prevenção”, “Câncer de Colo de Útero”, “Papanicolaou”, “Saúde da Mulher”, “Colposcopia”, “Educação em Saúde”, “Programas de Rastreamento”, “Teste Molecular”, “DNA-HPV” e “Vacinação HPV”. Foi aplicado um recorte temporal, considerando artigos publicados nos últimos dez anos.

A seleção final dos artigos baseou-se na leitura dos resumos, garantindo que abordassem diretamente as estratégias de prevenção e os métodos de detecção precoce do Câncer Cervical no contexto da Rede Pública de Saúde.

A busca inicial gerou um total de 42 artigos provenientes das seguintes bases de dados: Google Acadêmico (19), SciELO (8), BVS (10), PubMed (3) e ScienceDirect (2). Após a leitura dos resumos, 15 artigos foram excluídos por não atenderem ao objetivo do estudo, resultando em 27 artigos para uma análise mais detalhada.

Dentre esses 27 artigos, 7 foram excluídos por não estarem alinhados com o tema abordado ou por não fornecerem informações específicas sobre a eficácia ou a implementação de estratégias de prevenção do câncer cervical. Além disso, foram excluídos estudos que não se enquadravam no período temporal estabelecido para a revisão. Assim, um total de 20 estudos foi incluído na amostra final da revisão integrativa (Figura 1).

**Figura1.** Fluxograma de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão de estudos, baseado no modelo PRISMASCR, 2023.



Fonte: autores, 2024.

### 3. RESULTADOS

Vinte estudos compuseram a amostra final da revisão. O Quadro 1 apresenta os respectivos autores dos estudos incluídos, juntamente com o título, objetivo e resultado de cada um, organizados de maneira a facilitar a visualização e análise das informações.

**Quadro 1.** Identificação dos estudos incluídos segundo autoria, ano de publicação, título e objetivo e resultados.

	Autor e ano de publicação	Título	Objetivo	Resultados
1	TEIXEIRA, Luiz Antonio (2015)	Dos gabinetes de ginecologia às campanhas de rastreamento: a trajetória da prevenção ao câncer de colo do útero no Brasil	Examinar a evolução das preocupações médicas, técnicas de prevenção e programas de screening desde o início do século XX.	Os autores enfatizam que a integração de esforços no sistema de saúde, com foco na redução das desigualdades regionais e sociais, é crucial para melhorar o controle do câncer cervical no Brasil.
2	Pereira et al. (2021)	Chamada para eliminar o câncer de colo de útero na próxima década com foco no Brasil	Focar a atenção no câncer de colo do útero.	Os autores concluem que é necessário um esforço coordenado para melhorar a vacinação, organizar o rastreamento e garantir tratamento adequado para reduzir a mortalidade.
3	Bray et al. (2024)	Estatísticas globais de câncer 2022: estimativas GLOBOCAN de incidência e mortalidade mundial para 36 tipos de câncer em 185 países	Analisar as perspectivas de prevenção e controle do câncer de colo de útero em escala global.	Em 2022, houve quase 20 milhões de novos casos de câncer e 10 milhões de mortes. Até 2050, os novos casos anuais devem chegar a 35 milhões. Medidas globais de controle e prevenção, focadas em fatores de risco como tabagismo e obesidade, são essenciais para evitar milhões de casos futuros e salvar vidas.
4	Gomes et al. (2017)	Conhecimento de Mulheres Sobre a Prevenção do Câncer de Colo do Útero: uma revisão integrativa	Analisar o conhecimento das mulheres na prevenção do câncer do colo do útero.	Os autores concluem que estratégias educativas e atendimento de qualidade são essenciais para melhorar a prevenção, diagnóstico e tratamento, com destaque para o papel da Estratégia de Saúde da Família.
5	Leite et al. (2019)	A Percepção das Mulheres Idosas Sobre o Exame de Prevenção de Câncer do Colo de Útero	Descrever a percepção das mulheres idosas sobre o exame preventivo do câncer de colo de útero-PCCU.	Conclui-se que há necessidade de melhorias nas políticas públicas e ações da Estratégia de Saúde da Família (ESF) para garantir uma longevidade feminina com qualidade.

6	Rocha Lima et al. (2024)	Câncer de Colo de Útero e Sua Epidemiologia no Brasil de 2019 a 2023	Analisar os casos confirmados de CCU no Brasil de 2019 a 2023 através de uma análise descritiva e epidemiológica.	Observou-se que tratamentos modernos são eficazes e menos invasivos. Sendo essencial investir em conscientização, educação e acesso a cuidados para garantir diagnóstico e tratamento precoces.
7	De Sousa et al. (2019)	Câncer do colo do útero: percepção das mulheres frente ao exame preventivo	Identificar a percepção das mulheres acerca do exame preventivo Papanicolaou.	O estudo destaca que o desconhecimento e receio sobre o exame Papanicolaou indicam falhas na prevenção e sublinha a importância da educação em saúde pelos enfermeiros para melhorar a adesão. Recomenda-se repetir o estudo no Distrito Federal para obter dados mais representativos.
8	Lima et al. (2022)	A importância dos fatores associados a não adesão ao exame preventivo do câncer de colo uterino por mulheres brasileiras revisão sistemática	Enfatizar a importância do exame Papanicolaou e investigar a não adesão das mulheres brasileiras ao procedimento.	Conclui-se que barreiras como falta de conhecimento, raça, classe econômica, escolaridade e estado civil afetam a procura pelo exame. São necessárias campanhas e estratégias para melhorar a adesão e conscientização sobre o exame.
9	Mariño et al. (2023)	Intervenções educativas para prevenção do câncer do colo do útero: revisão de escopo	Descrever as características de intervenções educativas para a prevenção do câncer cervical em mulheres adultas.	Observou-se que estratégias educativas, como palestras e folhetos, são eficazes na prevenção do câncer cervical e sublinha que o papel do enfermeiro ainda precisa ser mais explorado. Recomenda-se mais estudos com intervenções baseadas em teoria e culturalmente sensíveis para avaliar o impacto na saúde das mulheres.
10	Lima et al. (2024)	Conhecimento de Mulheres acerca do Exame Papanicolaou	Analisar as produções científicas publicadas no Brasil sobre o conhecimento de mulheres acerca do PCCU	A falta de informação e comunicação reduz a adesão ao exame Papanicolaou. O estudo sugere que é crucial qualificar os profissionais de saúde e melhorar a educação em saúde para esclarecer dúvidas das mulheres e aumentar a adesão ao exame.
11	Salles et al. (2022)	Fatores referentes à baixa adesão ao exame citopatológico do colo do útero em uma cidade do noroeste paulista	Compreender os aspectos que envolvem a não adesão ao exame citopatológico do colo do útero em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de uma cidade do noroeste paulista.	O estudo indicou que a baixa adesão ao exame citopatológico do colo do útero é devido à falta de conhecimento e desvalorização do autocuidado, influenciados pela escolaridade. A pandemia não foi um fator crucial. É essencial melhorar o trabalho da atenção primária e fazer mais estudos para entender e aumentar a adesão ao exame.

12	Silva Faustino e Muller Beazussi (2022)	Estigmas e Desafios Quanto a Adesão de Idosas Para o Papanicolaou nas Unidades Básicas de Saúde: uma revisão integrativa	Identificar os fatores que interferem na adesão da mulher idosa ao programa de prevenção do câncer ginecológico.	O estudo destaca desigualdades na realização do exame Papanicolaou e a necessidade de garantir acesso e informações adequadas às mulheres. Profissionais de saúde devem conquistar a confiança das pacientes e usar estratégias educativas.
13	Okamoto et al. (2016)	Perfil do Conhecimento de Estudantes de uma Universidade Particular de Curitiba em relação ao HPV e Sua Prevenção	Avaliar o nível de conhecimento de acadêmicos de uma universidade particular de Curitiba.	A realização desse estudo revelou que estudantes de saúde têm conhecimento limitado sobre HPV e prevenção. O curso de Medicina mostra melhor desempenho, mas há necessidade de melhorar a educação sobre prevenção e vacinação. Intervenções são necessárias para aprimorar a formação desses futuros profissionais.
14	SANTOS, J. (2019)	A Prevalência de Infecção pelo HPV e o Perfil de Jovens Infectados: revisão	Identificar os possíveis fatores considerados de risco para a infecção pelo HPV em jovens brasileiros.	Os autores observaram que fatores psicológicos, biológicos e sociais aumentam a suscetibilidade a infecções sexualmente transmissíveis, como o HPV, especialmente entre adolescentes. A necessidade de melhorar a educação sexual e o acesso a serviços de saúde foi enfatizada para prevenir gravidez não desejada e infecções.
15	SANTOS, M. A. P. D. et al. (2021)	Desconhecimento sobre a campanha de vacinação contra o HPV entre estudantes brasileiros: uma análise multinível	Analisar a associação entre o desconhecimento sobre a campanha de vacinação contra o HPV entre adolescentes e fatores individuais e contextuais.	O estudo revela que o desconhecimento sobre a vacinação contra o HPV está relacionado a fatores individuais e contextuais. Enfatiza a educação contínua sobre HPV e vacinação, com comunicação clara e culturalmente apropriada.
16	Cavalcanti et al. (2019)	Eficácia da Dose Única na Imunização Contra o HPV	Investigar a eficácia da vacina contra o HPV aplicada em dose única.	No Brasil, a vacina contra o HPV geralmente é aplicada em duas doses, mas uma dose única pode oferecer proteção, embora menos eficaz a longo prazo. A eficácia de uma dose única ainda precisa de mais estudo, mas pode melhorar a cobertura vacinal e proteção geral.

17	Villa e Richtmann (2023)	Vacinação contra HPV em países de baixa e média renda: é hora de otimizar cronogramas e recomendações?	Promover a vacinação profilática contra HPV para reduzir infecções e tumores, conforme recomendado por programas de imunização adotados globalmente.	Uma dose da vacina contra o HPV pode ser tão eficaz quanto duas, mas no Brasil, são necessários mais dados. A cobertura global e a adesão ainda são baixas.
18	Teixeira, C. S. C. et al. (2017)	Deteção de papilomavírus humano de alto risco em amostras de colo uterino em 11.3 anos de acompanhamento após vacinação contra HPV 16/18	Avaliar o padrão de detecção do papilomavírus humano (HPV) em um período de 11.3 anos após a vacinação em uma coorte de adolescentes e mulheres jovens vacinadas ou não contra HPV 16/18.	A vacina contra HPV 16/18 protege por até 11,3 anos, reduzindo a taxa de HPV 16/18. No entanto, não diminui a infecção por outros tipos de HPV (HR-HPV), que permanece alta e aumenta anualmente. Os resultados sugerem que as mulheres vacinadas ainda podem testar positivo para HPV em triagens regulares, indicando a necessidade de estratégias de triagem ajustadas.
19	Teixeira, J. C. et al. (2021)	Impacto da organização do rastreamento do câncer do colo do útero com testes de DNA-HPV na detecção do câncer em estágio inicial: um estudo demonstrativo de base populacional em uma cidade brasileira.	Avaliar uma iniciativa de organizar o rastreio utilizando testes de ADN-HPV em substituição à citologia.	O programa de triagem PREVENTIVO, utilizando o teste de DNA-HPV, mostrou alta cobertura e eficácia, detectando 21 casos de câncer cervical, 67% em estágio inicial. A implementação de teste de HPV demonstrou ser mais eficaz que a citologia convencional e pode ser um modelo para outras regiões com alta carga de câncer cervical.
20	Zeferino et al. (2018)	Recomendações para o uso de testes de DNA-HPV no rastreamento do câncer do colo útero no Brasil	Apresentar as recomendações formuladas pela Associação Brasileira de Patologia do Trato Genital Inferior e Colposcopia para o uso dos testes de DNA-HPV no Brasil.	Os testes de DNA-HPV são recomendados para rastreamento de mulheres com mais de 30 anos, a cada 5 anos, e para triagem após resultados citológicos indeterminados ou lesões de baixo grau, bem como no seguimento pós-tratamento de neoplasias intraepiteliais de alto grau para verificar a ausência de doença residual.

#### 4. DISCUSSÃO

O exame de Papanicolaou é um método relativamente simples, eficaz e acessível para a prevenção do câncer cervical e de suas lesões precursoras associadas ao HPV. No entanto, muitas mulheres no Brasil ainda resistem a fazê-lo. O estudo de Rocha Lima et al. (2024) relatou que, entre 2019 e 2023, as regiões Norte e Centro-Oeste registraram uma

redução nos casos confirmados de câncer cervical em mulheres residentes nessas áreas. Em contraste, no Nordeste, não houve essa redução, sendo a região com o maior número de casos notificados. Esses achados corroboram os resultados do estudo de De Sousa et al. (2019), que mostraram o desconhecimento das mulheres residentes na região Nordeste sobre o câncer cervical e sua relação com o HPV, bem como a baixa procura de mulheres analfabetas para realizar o exame preventivo. Isso reforça o aumento da morbidade e mortalidade pelo referido câncer.

A baixa adesão das mulheres residentes na região Nordeste aos programas de prevenção, como a realização do exame de Papanicolau, pode estar associada a diversos aspectos, incluindo a falta de conhecimento sobre a importância do exame, medo, vergonha e baixa escolaridade. Além disso, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, a escassez de campanhas educativas eficazes e o estigma cultural relacionado ao exame também contribuem para essa situação, resultando assim em uma menor frequência de realização do exame, o que compromete a detecção precoce de lesões e a prevenção do câncer cervical (Lima et al., 2022).

Os indicadores mencionados acima, relacionados à baixa adesão das mulheres ao exame Papanicolau contribuem para agravos à saúde da população feminina, corroborando com o observado por Mariño et al. (2023), que indicam que mulheres bem informadas apresentam maiores taxas de retorno, pois tendem a aderir mais prontamente às orientações dos profissionais de saúde e desenvolver abordagens inovadoras para enfrentar a enfermidade, tornando-se assim menos suscetíveis a complicações.

Buscando compreender quais fatores levam mulheres a realizar o exame preventivo, Lima et al. (2024) mencionam que muitas mulheres buscam atendimento clínico preventivo apenas quando enfrentam problemas ginecológicos incômodos, visando a cura e não a prevenção. Isso revela que muitas mulheres desconhecem a prevenção do câncer cervical, a importância da triagem e a frequência dos testes.

Teixeira (2015) destaca que as desigualdades no acesso aos serviços de saúde, especialmente nas regiões mais vulneráveis, comprometem a eficácia das ações preventivas, como a realização do exame citopatológico e o tratamento adequado. Dessa forma, Teixeira reforça a necessidade de políticas públicas que promovam a equidade, ampliando o alcance das ações de saúde e garantindo atendimento de qualidade em todas as regiões do país.

A baixa adesão ao exame citopatológico no Brasil deve-se principalmente à falta de informação, com muitas mulheres desconhecendo sua importância para a prevenção do

---

câncer de colo do útero. Outros fatores incluem o acesso limitado aos serviços de saúde, questões culturais e tabus, medo ou vergonha, e a falta de incentivo por parte dos profissionais de saúde.

Um estudo de Salles et al. (2022) realizado com mulheres de 25 a 64 anos em uma UBS no noroeste paulista identificou as principais razões para a não realização ou repetição do exame: falta de tempo (28,95%), dor ou incômodo no exame anterior (14,47%), esquecimento da data (11,85%), desconhecimento do motivo (7,89%), preguiça ou descaso (6,58%), ausência de parceiro sexual (5,26%), vergonha do procedimento (3,95%) e outros motivos (6,58%), como sentir-se saudável e não receber o resultado do exame anterior.

No entendimento de Silva Faustino et al. (2022), a má organização do serviço público é um obstáculo para que as mulheres se interessem em fazer o exame preventivo do câncer cervical. Há muitos problemas na demanda por esses exames, desde a marcação até a entrega dos resultados. Para muitas mulheres, a falta de tempo e a dificuldade de locomoção complicam ainda mais a situação. Silva Faustino e Muller Beazussi (2022) afirmam que a desorganização do serviço contribui para a baixa adesão ao exame de Papanicolaou, tornando inviável a realização do exame. Por isso, é fundamental oferecer um serviço acolhedor e humanizado em todas as etapas do procedimento, desde a anamnese até a entrega dos resultados, para que as mulheres se sintam motivadas a fazer o exame. A busca ativa na comunidade e as visitas domiciliares são estratégias importantes para atrair essas mulheres para a unidade de saúde.

Segundo o Ministério da Saúde o estudo epidemiológico sobre a prevalência nacional de infecção pelo Papilomavírus Humano revelou dados importantes sobre a incidência do vírus na população brasileira (Brasil, 2020). Os resultados demonstram uma prevalência de 54,6% de casos de infecção pelo Papilomavírus Humano entre a população de 16 a 25 anos. Além disso, constatou-se que 38,4% dos tipos identificados são considerados oncogênicos, indicando um alto potencial para o desenvolvimento de neoplasias malignas. A coleta de dados para este estudo ocorreu entre setembro de 2016 e novembro de 2017.

Sobre as medidas de proteção, Okamoto et al. (2016) explicam que a prevenção primária tem como objetivo reduzir o risco de transmissão do HPV através do contato. As estratégias incluem a redução de comportamentos de risco, o uso de preservativos e a vacinação contra o HPV. O estudo POP-Brasil (2017), um painel de estudos transversais, destaca que a precocidade das relações sexuais na adolescência é um comportamento de risco que pode comprometer, a curto e longo prazo, a saúde psicossocial e o bem-estar dos

adolescentes.

Para Santos (2019), a adolescência é um período de transformações e descobertas constantes. Durante essa fase, muitas pessoas começam a se envolver em atividades sexuais, e estudos indicam que isso está acontecendo cada vez mais cedo. Como resultado, há uma tendência de aumento nas taxas de infecções sexualmente transmissíveis. Por causa desse tipo de comportamento, é necessário investir em vacinação e educação em saúde para que esses jovens possam se proteger adequadamente.

Desde 2014, o Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil oferece a vacina contra o HPV, que visa prevenir os tipos mais comuns do vírus: 6, 11, 16 e 18. Esta vacinação é recomendada como uma medida segura e eficaz para evitar a infecção pelo HPV. O serviço é gratuito e destinado a meninas e meninos com idades entre 9 e 14 anos, assim como a mulheres e homens de 15 a 45 anos que têm condições específicas, como HIV/aids, pacientes transplantados e aqueles com câncer (Brasil, 2023).

Segundo informações do Ministério da Saúde, a queda da cobertura vacinal contra o HPV no Brasil representa um potencial aumento de casos de cânceres evitáveis (Ministério da Saúde, 2023). Uma análise multinível realizada por Santos et al. (2021) revelou que o desconhecimento sobre a campanha de vacinação contra o HPV entre estudantes brasileiros está associado a características individuais e contextuais. O estudo destacou que o desconhecimento é mais prevalente entre os meninos. Além disso, observou-se uma redução no uso de preservativos entre os meninos, o que agrava a situação. Portanto, a inclusão da vacinação masculina é essencial para o controle do HPV, já que estudos indicam que a transmissão do vírus é mais fácil do homem para a mulher.

Existem duas principais vacinas contra o HPV disponíveis no Brasil: a bivalente da GlaxoSmithKline e a quadrivalente da Merck Sharp e Dohme. Ambas as vacinas contêm a proteína L1 do capsídeo viral, produzida por tecnologia recombinante para imitar partículas virais dos tipos mais comuns de HPV associados a neoplasias cervicais (HPV16 e HPV18) (Cavalcanti et al., 2019). Essas vacinas foram desenvolvidas com o objetivo de prevenir infecções pelos tipos de HPV responsáveis por grande parte dos casos de câncer cervical.

A meta do Ministério da Saúde era vacinar até 2030, 80% da população elegível com a vacina contra o HPV, mas no Brasil os números estão aquém do esperado. Apesar da vacina estar disponível gratuitamente, apenas 57% das meninas e menos de 40% dos meninos estão sendo vacinados. Para prevenir eficazmente a doença, seria ideal alcançar uma cobertura de 90% de vacinação. Em abril de 2024, o Ministério da Saúde, em

---

---

colaboração com a OMS, adotou a administração da vacina HPV em dose única no Brasil para ampliar o alcance entre a população-alvo (Ministério da Saúde, 2024).

O estudo de Cavalcanti et al. (2019) considera reduzir as doses das vacinas contra HPV de três para uma única, o que poderia facilitar a adesão à vacinação entre os jovens, reduzindo o número de visitas ao serviço de saúde. Apesar de estudos indicarem que uma dose única pode gerar uma resposta imune inicial forte, não se sabe quanto tempo essa imunidade duraria sem reforços futuros. Portanto, são necessárias mais pesquisas para avaliar se uma dose única é viável e segura a longo prazo, embora com algumas ressalvas e considerações importantes.

Esses achados corroboram com a tendência global discutida por Villa e Richtmann (2023), que exploram a eficácia e viabilidade de esquemas de dose única como potenciais melhorias na cobertura vacinal. A eficácia e promessa da vacinação de dose única contra o HPV têm sido amplamente discutidas, refletindo em uma potencial simplificação dos programas de imunização e melhoria na cobertura vacinal, baseando-se em evidências que indicam que respostas de anticorpos não são inferiores após uma dose em comparação com regimes de duas ou três doses.

No entanto, apesar dos benefícios potenciais da vacinação de dose única, persiste a necessidade de mais pesquisas para entender a durabilidade da proteção proporcionada por essa estratégia. Estudos observacionais conduzidos na Índia e Costa Rica sugerem que a proteção contra infecções por HPV pode ser mantida por pelo menos 10 anos após uma dose única, equiparando-se aos esquemas de duas ou três doses. A implementação bem-sucedida de um esquema de vacinação de dose única pode não apenas reduzir substancialmente os custos associados à administração e distribuição das vacinas, mas também facilitar a adesão da população-alvo aos programas de imunização, contribuindo assim para a saúde pública global (Villa e Richtmann, 2023).

As estratégias de proteção contra o HPV enfatizam a prevenção primária com preservativos e vacinação. A adolescência precoce é um comportamento de risco identificado, demandando investimentos em educação e vacinação. Apesar da vacina gratuita pelo SUS desde 2014, a baixa cobertura vacinal levou à introdução da vacinação de dose única em 2024 para melhorar a eficácia do programa. Estudos indicam que uma dose única pode ser tão eficaz quanto esquemas múltiplos, mas a durabilidade da proteção requer mais investigação.

Por outro lado, Teixeira et al. (2017) identificaram em um estudo de coorte prospectivo que, mesmo na era pós-vacinação, a infecção pelo Papilomavírus Humano

(HPV) continua sendo um problema significativo. O artigo apresenta esse estudo de longo prazo, com ênfase nos tipos de HPV de alto risco (HR-HPV) que não incluem os tipos 16 e 18. Embora o estudo destaque a eficácia da vacina contra os tipos 16/18 de HPV, ele também evidencia a persistência de infecções por outros tipos de HR-HPV que não são cobertos pela vacina. Mulheres vacinadas continuam em risco de infecção por esses tipos de HR-HPV, o que aponta para a necessidade de estratégias adicionais de rastreamento e, possivelmente, para a inclusão de mais tipos de HPV nas vacinas futuras.

A eliminação do câncer cervical como problema de saúde pública no Brasil é uma prioridade do Ministério da Saúde. Com a publicação da Portaria SECTICS/MS nº 3, de 7 de março de 2024, no Diário Oficial da União (Brasil, 2024), foi decidida a incorporação de um teste inovador para a detecção do Papilomavírus Humano no Sistema Único de Saúde. Antes disponível apenas em redes privadas, essa testagem molecular facilitará a identificação do vírus e do câncer cervical, permitindo um tratamento precoce da doença.

Teixeira et al. (2021) conduziram uma pesquisa em Indaiatuba, interior de São Paulo, utilizando o teste primário de DNA-HPV, cujos resultados foram publicados na revista científica *The Lancet Regional Health – Américas*. O estudo, realizado de outubro de 2014 a março de 2017, envolveu 20.284 mulheres entre 25 e 64 anos atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Esta pesquisa demonstra uma adoção de métodos mais avançados e precisos na detecção de infecções pelo vírus, revelando uma redução média de 10 anos na idade do diagnóstico em comparação com o método tradicional.

Considerando o contexto, dos 16.384 testes de DNA-HPV realizados, o estudo registrou que 86,8% dos testes foram negativos. Um total de 6,3% das mulheres testadas apresentou resultados que indicaram a necessidade de colposcopia. Dos testes restantes, 2,4% foram positivos para HPV16 e/ou HPV18 e 10,8% foram positivos para outros 12 genótipos de HPV. Foi observada a presença de 21 casos de câncer cervical, com uma média de idade de 39 anos, sendo que 67% desses casos estavam em estágio inicial. Em contraste, o rastreamento com Papanicolaou detectou apenas 12 casos de câncer cervical, com uma média de idade significativamente maior, de 49 anos, e apenas um caso em estágio inicial (Teixeira et al., 2021).

O estudo de Teixeira et al. (2021) demonstra que as mulheres que participaram do estudo não desenvolveram câncer cervical. Isso se deve ao fato de que, quando o teste de HPV dava positivo para os tipos 16 e/ou 18, responsáveis por uma grande parte dos casos de câncer cervical, as mulheres eram encaminhadas para uma colposcopia. Este exame permitia identificar possíveis alterações no colo do útero, possibilitando tratamentos

---

---

curativos e preventivos para lesões pré-cancerígenas. Aquelas sem lesões pré-cancerosas eram acompanhadas mais de perto para detectar qualquer sinal de câncer em estágio inicial, caso surgisse.

A discussão sobre o teste primário de DNA-HPV sugere que, ao analisar a causa viral do câncer cervical, é crucial considerar a diversidade genética dos vírus envolvidos. A estratificação do risco, baseada na genotipagem, torna-se fundamental para identificar quais tipos específicos de vírus do papiloma humano (HPV) estão associados a um maior risco de desenvolvimento do câncer cervical. Essa abordagem permite um entendimento mais preciso dos fatores de risco e uma melhor orientação em termos de prevenção e tratamento da doença (Teixeira et al., 2021).

Zeferino et al. (2018) recomendam o uso dos testes de DNA-HPV em um cenário de rastreamento organizado para mulheres acima de 30 anos, a cada 5 anos. Esses testes são indicados após resultados de citologia como ASC-US ou LSIL, para triagem antes da colposcopia, investigação de alterações citológicas sem anormalidades colposcópicas e no seguimento pós-tratamento de neoplasias intraepiteliais de alto grau.

Os estudos de Teixeira et al. (2021) e Zeferino et al. (2018) demonstram uma maior eficácia do teste de DNA-HPV em comparação com o exame de Papanicolaou na detecção precoce do câncer cervical. De acordo com Zeferino et al. (2018), uma vantagem dos testes de DNA-HPV após um esfregaço de Papanicolaou anormal é o seu alto valor preditivo negativo. Quando o DNA do HPV oncogênico não é detectável, a ocorrência de lesões precursoras ou câncer cervical é muito improvável.

A implementação deste teste na Rede Pública de Saúde, juntamente com a vacinação contra o HPV, representa um avanço significativo nas estratégias de prevenção do câncer cervical. A genotipagem do HPV e o seguimento adequado de casos positivos são fundamentais para a eficácia do programa de rastreamento e para a redução da incidência e mortalidade por esta doença.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante disso, o estudo destacou os avanços na prevenção do câncer cervical no Brasil, incluindo a expansão do teste de Papanicolaou, a vacinação contra HPV de dose única e a implementação do teste molecular de DNA-HPV no SUS. Esses progressos são passos importantes para a detecção precoce e redução da incidência do câncer cervical.

É crucial considerar a evolução das estratégias de prevenção desde o século XIX

até hoje, enfatizando a importância do rastreamento nas áreas cobertas por agentes comunitários de saúde e visitas domiciliares. A atenção básica deve focar na promoção e prevenção, incentivando consultas ginecológicas regulares e a vacinação contra o HPV.

Dada a disponibilidade de tecnologia e informação, a conscientização é essencial para prevenir doenças evitáveis, como o câncer cervical. Políticas públicas devem ser fortalecidas para garantir acesso universal e equitativo aos serviços de saúde, especialmente para populações vulneráveis, como as mulheres da região Nordeste do Brasil, que enfrentam barreiras significativas.

A combinação do teste molecular de DNA-HPV com a vacinação contra o HPV, incluindo a nova dose única, representa avanços importantes na luta contra o câncer cervical. Esses avanços, junto com uma educação em saúde eficaz e melhorias na infraestrutura de saúde, têm potencial para reduzir substancialmente a incidência e mortalidade do câncer cervical no Brasil.

No entanto, é preciso enfrentar desafios como a resistência às mudanças e a eficácia a longo prazo da vacina de dose única. Recomenda-se a realização de mais pesquisas para avaliar essas questões e promover maior adesão aos programas de rastreamento. A educação em saúde desempenha um papel crucial na prevenção eficaz, contribuindo para um futuro mais saudável para todos.

## 6. REFERÊNCIAS

**BRASIL.** Ministério da Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Estudo epidemiológico sobre a prevalência nacional de infecção pelo papilomavírus humano: POP-Brasil 2015-2017.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/publicacoes/2020/estudo-epidemiologico-sobre-a-prevalencia-nacional-de-infeccao-pelo-papilomavirus-humano-pop-brasil-2015-2017/view>. Acesso em: 23 jun. 2024.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. **Estudo epidemiológico sobre a prevalência nacional de infecção pelo Papilomavírus Humano (POP Brasil 2015-2017).** 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/publicacoes/2020/estudo-epidemiologico-sobre-a-prevalencia-nacional-de-infeccao-pelo-papilomavirus-humano-pop-brasil-2015-2017/view>. Acesso em: 25 maio 2024.

---

**BRASIL.** Ministério da Saúde. **Queda da cobertura vacinal contra o HPV representa risco de aumento de casos de cânceres evitáveis no Brasil.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/queda-da-cobertura-vacinal-contra-o-hpv-representa-risco-de-aumento-de-casos-de-canceres-evitaveis-no-brasil>. Acesso em: 23 jun. 2024.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Complexo da Saúde. **Portaria SECTICS/MS nº 3, de 7 de março de 2024.** Disponível em: <https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/relatorios/portaria/2024/portaria-sectics-ms-no-3-de-7-de-marco-de-2024>. Acesso em: 26 maio 2024.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. **Ministério da Saúde adota esquema de vacinação em dose única contra o HPV.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2024/abril/ministerio-da-saude-adota-esquema-de-vacinacao-em-dose-unica-contra-o-hpv>. Acesso em: 23 jun. 2024.

**BRASIL.** Ministério da Saúde. **Queda da cobertura vacinal contra o HPV representa risco de aumento de casos de cânceres evitáveis no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/queda-da-cobertura-vacinal-contra-o-hpv-representa-risco-de-aumento-de-casos-de-canceres-evitaveis-no-brasil>. Acesso em: 22 jun. 2024.

**BRAY, F.; LAVERSANNE, M.; SUNG, H.; FERLAY, J.; SIEGEL, R. L.; SOERJOMATARAM, I.; JEMAL, A.** Global cancer statistics 2022: GLOBOCAN estimates of incidence and mortality worldwide for 36 cancers in 185 countries. **CA Cancer J Clin**, v. 74, n. 3, p. 229-263, May-Jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3322/caac.21834>. Acesso em: 4 abr. 2024. PMID: 38572751.

**CAVALCANTI, Ana Carolina Damasceno et al.** Eficácia da dose única na imunização contra o HPV. **Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research**, v. 28, n. 1, p. 61-70, set.-nov. 2019.

**COLARES, W. T. H. C. et al.** Análise clínico-epidemiológica do câncer de colo uterino em Manaus: relação entre faixa etária e estadiamento/ clinical-epidemiological analysis of

cervical cancer in manaus. **Brazilian Journal Of Health Review**, v. 3, n. 6, p. 16510-16517, 2020.

**DE SOUSA, K. R.; MIRANDA, M. A. de L.** Câncer do colo do útero: percepção das mulheres frente ao exame preventivo. **Comunicação em Ciências da Saúde**, [S. l.], v. 29, n. 3, 2019. DOI: 10.51723/ccs.v29i03.269. Disponível em: <https://revistaccs.escs.edu.br/index.php/comunicacaoemcienciasdasaude/article/view/269>. Acesso em: 21 maio 2024.

**FREIRE, Guilherme Gomes et al.** A colposcopia no diagnóstico do câncer de colo uterino: uma revisão de literatura. **Editora Realize**, 2008.

**GOMES, Lidiane Cristina de Sousa et al.** Conhecimento de mulheres sobre a prevenção do câncer de colo do útero: uma revisão integrativa. **Uningá Review**, v. 30, n. 2, 2017.

**INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA.** Controle do câncer do colo do útero. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controle-do-cancer-do-colo-do-utero>. Acesso em: 25 maio 2024.

**LEITE, B. O.; NUNES, C. R. O.; OLIVEIRA, V. V. de; BARBOSA, R. A. A.; SOUZA, M. S.; TELES, M. A. B.** The Elderly Women's Perception of Cervical Cancer Prevention Examination / A Percepção das Mulheres Idosas Sobre o Exame de Prevenção de Câncer do Colo de Útero. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 11, n. 5, p. 1347–1352, 2019. DOI: 10.9789/2175-5361.2019.v11i5.1347-1352. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/8325>. Acesso em: 20 abr. 2024.

**LIMA, Danielle Etienne de Oliveira Bezerra et al.** Conhecimento de mulheres acerca do exame Papanicolaou. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 70, n. 1, p. 1-10, 2024. Acesso em: 20 abr. 2024.

**LIMA, Karoline Fernandes de; MELO, Lilya Helena Casanova Pereira; GOMES, Lohanne Marques; RODRIGUES-ANTUNES, Symara; FEIO, Danielle Cristinne Azevedo.** A importância dos fatores associados à não adesão ao exame preventivo do

---

câncer de colo uterino por mulheres brasileiras – revisão sistemática. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, v. 54, n. 1, p. 55-61, 2022. DOI: 10.21877/2448-3877.202102072.

**MARIÑO, J. M.; NUNES, L. M. P.; ALI, Y. C. M. M.; TONHI, L. D. C.; SALVETTI, M. G.** Intervenções educativas para a prevenção do câncer cervical: uma revisão abrangente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, n. 5, p. e20230018, nov. 2023. DOI: 10.1590/0034-7167-2023-0018. PMCID: PMC10680385.

**OKAMOTO, C. T.; FARIA, A. A. B.; SATER, A. C.; DISSENHA, B. V.; STASIEVSKI, B. S.** Perfil do conhecimento de estudantes de uma universidade particular de Curitiba em relação ao HPV e sua prevenção. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 611-620, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010055022016000400611&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010055022016000400611&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 23 jun. 2024.

**PEREIRA, Walquíria Quida Salles; PRIMO, W. A.; SPECK, N. M.** Chamada para eliminar o câncer de colo de útero na próxima década com foco no Brasil. **Femina**, v. 49, n. 1, p. 12-3, 2021.

**ROCHA LIMA, Thyanne Mayara; GOMES FERREIRA, Tainan; DE CAMPOS, Marcelo.** Câncer de colo de útero e sua epidemiologia no Brasil de 2019 a 2023. **Revista de Patologia do Tocantins**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 372-375, 2024. DOI: 10.20873/10.20873/uft.2446-6492.2024v11n2p372. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/patologia/article/view/19281>. Acesso em: 21 maio 2024.

**SALLES, F. D. de M.; MELHADO, L. A.; PEREIRA, L. E.; CAMARGO, G. S. de; MELO, L. M.; NEGREIROS, N. F.; VECHIATO, F. M. V.** Fatores referentes à baixa adesão ao exame citopatológico do colo do útero em uma cidade do noroeste paulista / Factors related to the low adherence to uterine cervix cytopathological examination in a city in northwestern São Paulo. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 14700-14719, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n2-409. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44552>. Acesso em: 25 maio 2024.

**SANTOS, Jéssica Rodrigues dos. A prevalência de infecção pelo HPV e o perfil de jovens infectados: revisão.** 2019. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/203915>. Acesso em: 25 maio 2024.

**SANTOS, M. A. P. D.; FERNANDES, F. C. G. M.; LIMA, K. C.; BARBOSA, I. R.** Desconhecimento sobre a campanha de vacinação contra o HPV entre estudantes brasileiros: uma análise multinível. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 12, p. 6223-6234, dez. 2021. DOI: 10.1590/1413-812320212612.35842020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232021001206223&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232021001206223&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 jun. 2024.

**SILVA FAUSTINO, J.; MULLER BEAZUSSI, K.** Estigmas e desafios quanto à adesão de idosas para o Papanicolau nas unidades básicas de saúde. **Revista Interdisciplinar Pensamento Científico**, v. 7, n. 1, p. 10, mar. 2022. Acesso em: 23 jun. 2024.

**TEIXEIRA, C. S. C.; TEIXEIRA, J. C.; OLIVEIRA, E. R. Z. M.; MACHADO, H. C.; ZEFERINO, L. C.** Detection of high-risk human papillomavirus in cervix sample in an 11.3-year follow-up after vaccination against HPV 16/18. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 8, p. 408-414, ago. 2017. DOI: 10.1055/s-0037-1604133. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10316952/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

**TEIXEIRA, J. C.; VALE, D. B.; CAMPOS, C. S.; BRAGANÇA, J. F.; DISCACCIATI, M. G.; ZEFERINO, L. C.** Organization of cervical cancer screening with DNA-HPV testing impact on early-stage cancer detection: a population-based demonstration study in a Brazilian City. **The Lancet Regional Health – Americas**, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667193X21000806>. Acesso em: 26 maio 2024.

**TEIXEIRA, Luiz Antonio.** Dos gabinetes de ginecologia às campanhas de rastreamento: a trajetória da prevenção ao câncer de colo do útero no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 221-240, jan.-mar. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000100013>. Acesso em: 24 jun. 2024.

---

**VILLA, Luisa Lina; RICHTMANN, Rosana.** Programas de vacinação contra o HPV em países de baixa e média renda: é hora de otimizar cronogramas e recomendações? **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 99, Suplemento 1, p. S57-S61, mar./abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpmed.2023.05.013>. Acesso em: 23 jun. 2024.

**ZEFERINO, Luiz Carlos; BASTOS, Joana Froes Bragança; VALE, Diama Bhadra Andrade Peixoto do; ZANINE, Rita Maira; MELO, Yara Lucia Mendes Furtado de; PRIMO, Walquíria Quida Salles Pereira; CORRÊA, Flávia de Miranda; GUIMARÃES, Isabel Cristina Chulvis do Val; RUSSOMANO, Fábio Bastos.** Guidelines for HPV-DNA Testing for Cervical Cancer Screening in Brazil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, São Paulo, v. 40, p. 360-368, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1055/s-0038-1657754>. Acesso em: 27 jun. 2024.

**Autora para correspondência:**

**Jéssica de Jesus Oliveira**

**Centro Universitário Nobre (UNIFAN), Feira de Santana, Bahia - Brasil**

**Email: jessieflor@hotmail.com**

**RECEBIDO: 25/08/2024 ACEITE: 23/09/2024**